

A numerologia, o Fórum Social Mundial e o reencantamento do mundo

Por Hamilton Faria

Diz a numerologia sobre este ano de 2009, que a energia do mundo será renovada; que haverá aproximação dos opostos e que todo tipo de parceria viverá um período positivo e que a união de forças deve predominar no momento de tomar decisões e alcançar objetivos. Fortes corporações se unirão às pequenas e se fundirão em poucas, consolidando-se. Talvez a numerologia esteja mais próxima de uma solução da crise do que pensamos. Mas parece que a realidade do Fórum Social Mundial é mais complexa.

Sou um desconfiado das pesquisas quantitativas. Sou daquele tipo que acredita mais em processos que em resultados numéricos. Mas vamos ao assunto. Em 1 de fevereiro, membros do Comitê Organizador Internacional se reuniram com a imprensa para divulgar alguns números do FSM. O Fórum de Belém agregou 133 mil participantes de 142 países, destes 1.400 são integrantes do movimento negro, que estiveram no espaço quilombola e 1.900 são indígenas pertencentes a 120 nações. As 2.310 atividades autogestionadas tiveram 5.808 entidades inscritas, com a seguinte distribuição: 489 da África, 119 da América Central, 155 da América do Norte, 491 da Europa e 334 da Ásia. Surpresa: a Oceania teve 27 participantes. E pasmem: a América do Sul contou com 4.193 organizações e dinâmicas presentes, cerca de 72 % do total. Cerca de mil artistas estiveram envolvidos em atividades em 200 momentos culturais. Seguem outros dados contundentes: no apoio eram 4.830 pessoas, entre organizadores, voluntários, escritório e tradutores; e 5.200 palestrantes, feiras, pontos de alimentação.

A imprensa mobilizou 4.500 profissionais (2 mil jornalistas credenciados e cerca de 2.5 mil que estiveram à disposição com apoio na internet) para atividades em cadernos especiais, coberturas televisivas e da imprensa escrita de mais de 30 países. No espaço do Fórum os investimentos estiveram em torno de 25 milhões, sabendo-se que 13 milhões originários do Ministério da Educação, 7 milhões do Ministério do Turismo e 128 milhões destinados a preparação da cidade (habitação, saneamento e mobilidade) para receber o evento.

Em tempos de crise os números passam a gritar. É verdade que os números não conseguem dimensionar o encantamento de um encontro intercultural com essas dimensões, mas podemos interrogá-los para que possam contribuir para um novo passo. Em primeiro lugar reunir tanta gente num momento de um certo cansaço participativo e de ausência de caminhos para uma cultura participativa mais efetiva em termos globais já é um grande acontecimento para o planeta. São tribos que vão confrontar os seus acúmulos com outras, trocando e mostrando suas celebrações da vida. Destes números podemos concluir que, mesmo com toda a presença mundial, o Fórum ainda é um evento latinoamericano (72 % dos participantes eram da região). A presença dos cinco presidentes sulamericanos

evidenciou isso. Fica claro que a presença de estrangeiros era bem menor que em outros Fóruns. E aí vem um primeiro desafio: como torná-lo realmente mundial e não apenas desta parte do mundo? Embora não tenhamos ainda dados, a presença brasileira foi contundente frente a participação de outras regiões, mesmo da América do Sul.

Uma outra questão é que o Fórum, mesmo sendo um evento da sociedade civil, ainda precisa maciçamente de recursos governamentais para a sua realização. Não seria o momento de resolver também este desafio para que o FSM consolidasse sua autonomia no dizer e no fazer da política civilizatória? Há muita coisa que os números não dizem: dentro do Fórum já existem promessas reais de um mundo novo em todos os campos, na construção da paz, da cidadania, na relação menos autoritária entre política e cultura, no protagonismo jovem, na liberdade de ser diferente, no sonhar juntos novas possibilidades de mudança, na afirmação da diversidade cultural, na presença impressionante da cultura em todos os poros do evento. Mas também os números não falam na mesmice do discurso político com afirmações de 20 anos atrás, nas palavras de ordem que geram apenas a presença entre iguais, nos territórios ainda isolados que pouco dialogam, nas mesas repetitivas que não favorecem o diálogo, na ausência das comunidades locais na dinâmica do Fórum, nas celebrações desobedientes, instigantes, geniais que aconteceram nas ruas, mas que não foram absorvidas pela sua estrutura ainda rígida e convencional.

Os números não falam mesmo tudo, mas talvez a numerologia possa apontar alguns caminhos mais mágicos para o nosso, ainda pobre pensamento político e metodologias pouco escutantes, e menos auscultantes ainda. Os números revelam também nossa reticência em absorver a vida que está nos acampamentos, nas aldeias do fórum, nas esquinas, nas frases espalhadas, no semblante jovem que exala a beleza das belezas. Sem eles nada faremos, precisamos rejuvenescer com os jovens para reencantar o mundo porque, como diz Dostoievski, só a beleza salva.